

PROJETO AGROCULTURAS: MANEJO DA BIODIVERSIDADE E PROMOÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR SUSTENTÁVEL

Coordenador: RUMI REGINA KUBO

Este projeto fundamenta-se na estruturação e desenvolvimento, ao longo de nove anos, de um programa de pesquisa e extensão que visa contribuir para o Desenvolvimento Rural Sustentável em áreas de Mata Atlântica no Rio Grande do Sul. Este programa, iniciado pela ong ANAMA e o Programa da Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural/UFRGS, tem agregado parcerias que hoje constituem o cerne do projeto, como o Núcleo de Estudos em Desenvolvimento Rural Sustentável e Mata Atlântica (DESMA/PGDR/UFRGS), FEPAGRO e o Núcleo de Economia Alternativa (NEA/UFRGS). A experiência e dos dados acumulados focalizando a bacia hidrográfica do Rio Maquiné colocaram em pauta os conflitos sociais ligados à emergência de uma nova sensibilidade e direcionamento mundial referente ao meio ambiente e à ecologia e sua repercussão em contextos locais específicos. Adentrar no universo produtivo local possibilitou compreender a problemática ligada à prática de uma agricultura tradicional que desde a década de 70 estava num processo de declínio, principalmente sob os auspícios de uma política hegemônica que visava a tecnificação e racionalização da agricultura. Dentro deste contexto, compreender a instauração de uma atividade específica, o extrativismo de samambaia-preta (Coelho de Souza et al., 2007), incorria justamente em dar luz às contradições desse processo histórico e sobretudo, à situação de agricultores, ou parcelas de pessoas, excluídos deste processo hegemônico. Do ponto de vista econômico e das problemáticas ecológicas, a agricultura nos moldes tradicionais conforme executada por esta população, se apresentava inadequada. A prática da coivara (corte e queima), considerada uma prática proibidas por lei, colocava os agricultores sob uma tensão constante diante da possibilidade de a qualquer momento serem surpreendidos por algum fiscalizador. Mas, principalmente porque não mais supriam as necessidades para a reprodução social destes grupos. Este fato, tomado como índice de mudança de um tempo, do ponto de vista produtivo coloca claramente a inflexão de um sistema produtivo baseado na agricultura. Sendo necessário o reconhecimento da necessidade de lançar mão de outras estratégias pois, afetado pelo estatuto de área de preservação, a intervenção direta sobre a vegetação passou a ser progressivamente cerceada. A partir dessa demanda, passamos a operar com o conceito de paisagem ancorados nos pressupostos da antropologia e etnobiologia enquanto reconhecimento de perspectivas de intervenção no mundo (mais especificamente no ambiente) diferenciadas

culturalmente, mas que vislumbra a possibilidade de alcançar um horizonte comum e enquanto metodologia de intervenção, a indissociabilidade entre pesquisa e extensão. Por estarem imersos nesta perspectiva ampla, apresenta-se como um programa, de inserção e intervenção a médio e longo prazo, sendo alimentado por projetos com âmbitos e tempo de atuação delimitados (como estratégia de ação e de captação de recursos), mobilizando diferentes instituições governamentais e não-governamentais. As atividades atuais têm buscado resgatar, avaliar e difundir alternativas produtivas sustentáveis para agricultores familiares tradicionais da Encosta Atlântica do Estado do RS. É importante destacar que o desenvolvimento de sistemas agroflorestais na região em questão é de alta relevância, pois se constitui em um processo produtivo capaz de se integrar à paisagem regional, compatibilizando demandas e necessidades socioeconômicas com os ditames da legislação ambiental, altamente restritiva às técnicas tradicionais e convencionais, e a crescente necessidade de conservação da biodiversidade no bioma Mata Atlântica e dos recursos hídricos. É, baseado nestas reflexões que se vislumbra o potencial de sistemas agroflorestais para a região, no entanto a experiência tem nos mostrado que seus conceitos e para sua real efetivação há ainda todo um processo de sensibilização e sobretudo de desenvolvimento de experiências que não somente respaldem tais direcionamentos, mas sobretudo, proporcionem ao agricultor a inserção ao universo cultural, conceitual e técnico que permitam operar dentro desta perspectiva. Desta forma, considerando o complexo panorama local, um dos pilares para todas estas ações reside num processo educativo contínuo e horizontalizado que leve em consideração as especificidades ambientais e sócio-antropológicas e aberto a inovações tecnológicas gestadas por outras comunidades ou instituições de esferas mais amplas como a academia ou os centros de pesquisa. Fundamental também é o foco no componente produtivo, pois é este que congrega de modo bastante peculiar o ser humano em sua dimensão material e cosmológica, visto que ao abordar sistemas produtivos estamos abordando desde a sobrevivência propriamente dita do agricultor, mas juntamente abordamos todas as suas crenças, expectativas e receios, com isto tocando em esferas abstratas geralmente não cogitadas nestas ações. Nesta interação, cabe ressaltar a importância de, nas próprias relações pessoais haver a troca entre visões de mundo diferenciados frente à realidade local, mas pressupõe também a presença de sensibilidades abertas a ações recíprocas. Isto incorre não somente em aliar pesquisa e extensão, teoria e prática, mas a presença de atores que se apresentem como mediadores. Estas perspectivas do ponto de vista institucional são cobertas pela presença não somente da universidade e outras instituições de pesquisa e extensão, mas da ação integrada com uma ong local, de

modo a buscar uma qualidade de interação e intervenção diferenciadas, mais próxima da situação local. Isto não incorre na eliminação de assimetrias, inerentes a todo e qualquer processo, uma vez que todo o trabalho parte da existência inexorável de tais diferenças; mas de estar atento a tais assimetrias da própria estrutura ao qual estão todos imersos, tentando, através de um olhar crítico identificá-los nas relações cotidianas e com isto operar com estas diferenças.

Referências Bibliográficas
Coelho de Souza, G., Kubo, R., Miguel, L.A. 2007 O extrativismo da samambaia-preta no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, no prelo.